

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

POEMAS AO PÔR DO SOL

VOL. IX



SELO CONEXÃO
LITERATURA

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-99817-6
2026
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

DE REPENTE, POR AUGUSTO BERNARDO, PÁG. 05
HAICAI DE UMA FILOSOFIA EM MEIO AO BUCOLISMO URBANO, POR AUGUSTO BERNARDO, PÁG. 07
POEMA DE AGONIA, TERNURA E DEVOÇÃO, POR AUGUSTO BERNARDO, PÁG. 09
VITÓRIA, POR BRUNA SALLES, PÁG. 12
ASSOMBRAÇÃO, POR BRUNA SALLES, PÁG. 14
RELICÁRIO, POR BRUNA SALLES, PÁG. 16
ASSIMETRIA DO DANO, POR BRUNA SALLES, PÁG. 20
NA MORADA DO SOL, POR LUIZ OTÁVIO, PÁG. 24
O RENASCER!, POR MAURÍCIO DA SERRA, PÁG. 26
SONETO DE DESPEDIDA!, POR MAURÍCIO DA SERRA, PÁG. 28
SOLIDÃO...?!, POR MAURÍCIO DA SERRA, PÁG. 30
DEVANEIOS... ESPERANÇAS UTÓPICAS!, POR MAURÍCIO DA SERRA, PÁG. 33
EGO FERIDO!!!, POR MAURÍCIO DA SERRA, PÁG. 35
VELEIRO, POR PEDRO H. BAMPI, PÁG. 37
ENSEADA URBANA, POR PEDRO H. BAMPI, PÁG. 39
CINCO MINUTOS, POR PEDRO H. BAMPI, PÁG. 41
TEMPORADA DE FLORES, POR REVANIL DIAS DA ROSA, PÁG. 43
AS MUITAS CORES DA LUZ DO SOL, POR ROMÃZINHA MARIA, PÁG. 45
VERGONHA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 48
NÃO SOMOS AUTOSSUFICIENTES, POR SELMA LUANNY, PÁG. 50
SUBLEVADO, POR THAÍS DIAS FREIRE SCALCO, PÁG. 52
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 57

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

POEMAS AO PÔR DO SOL

VOL. IX

SELO CONEXÃO
LITERATURA

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

DE

R E P E N T E

Por Augusto Bernardo

Capixaba, 21 anos, flamenguista, estudante de medicina, escreve nas horas vagas (nunca escreve) poemas, contos, crônicas, primeiros capítulos de infintos romances, notas de cursos, de rodapé, resumos de anatomia, diários, páginas matinais, miniautobiografias; namora. Não escreve: tuítes.



De repente já não trocamos olhares tímidos na Rua da Lama,
suas pernas não titubeiam
e nosso restaurante coreano está longe.

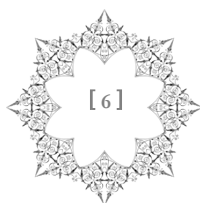
E de repente estamos no terraço
com vinho e cigarros,
um ao outro e
o chão imundo;
ninguém na cidade,
ninguém na cidade.

E de repente a Rua da Lama é outra,
os beijos mais fortes,
a risada mais sincera.
E o coração tão mais ardente.

E de repente o tempo nos fez bem.
E de repente, quando juntos,
passa tão mais rápido
(que tomamos um susto);

mas o que fiz hoje cedo
antes de te ver
já me parece semana passada.

É o mais perto que chego de Eternidade
de repente, de repente.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

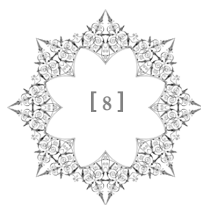
HAICAI DE UMA FILOSOFIA EM MEIO AO BUCOLISMO URBANO

Por Augusto Bernardo

Capixaba, 21 anos, flamenguista, estudante de medicina, escreve nas horas vagas (nunca escreve) poemas, contos, crônicas, primeiros capítulos de infindos romances, notas de cursos, de rodapé, resumos de anatomia, diários, páginas matinais, miniautobiografias; namora. Não escreve: tuítes.



Pra mim, tudo é pouco:
nada é grande, fora o gato
que corre o jardim.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

P O E M A D E
A G O N I A ,
T E R N U R A E
D E V O Ç Ã O

Por Augusto Bernardo

Capixaba, 21 anos, flamenguista, estudante de medicina, escreve nas horas vagas (nunca escreve) poemas, contos, crônicas, primeiros capítulos de infintos romances, notas de cursos, de rodapé, resumos de anatomia, diários, páginas matinais, miniautobiografias; namora. Não escreve: tuítes.



Quando criança,
na casa de praia
(a brisa levando vento à rede;
o frango e arroz em panelas gigantes;
o baralho de cartas empapado em chope)
sentia medo
ao ler Harry Potter
(e a Câmara Secreta –
o basilisco, a mitologia
pseudojuvenil, o sangue
e, principalmente,
o corpo parado estrábico
petrificado apodrecendo no leito
me enchiam de medo
ingênuo de quando se é criança),
eu pedia socorro à minha mãe.

Ela rezava e,
abraçado a ela,
(e rezava sem me julgar
mas também sem levar a sério meu medo)
eu me sentia protegido
dos perigos inexistentes
(os existentes, eu não os conhecia –
nem ontem, quiçá nem agora).

Hoje, não peço a ninguém este socorro,
pois a quem eu podia pedi-lo, dele
parece
que também precisa.

Hoje, estou desprotegido,
exposto, nu, magro.

Hoje, o único socorro que há
é sob Vosso manto,
é sob Vosso olhar,
Mãezinha,
Consoladora dos Aflitos.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

VITÓRIA

Por Bruna Salles

Bruna Salles é advogada e escreve poesia porque nem tudo cabe nos autos. Acredita que a palavra ajuda a atravessar o que não tem manual de instruções, por isso prefere poemas a respostas prontas e perguntas a finais felizes. Quando pode, publica. Quando não pode, escreve assim mesmo.

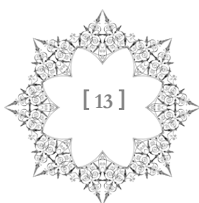


Erguem-se as taças lá fora, bradam que o mal partiu,
Mas o que me resta no peito é o eco de um rio que faliu.
Dizem "vitória" em coro, palavra de som brilhante,
Enquanto eu conto as feridas de um corpo que foi estante,
Suporte para os pés deles, alvo para o próprio aço,
Um catálogo de cicatrizes desenhado passo a passo.

Será triunfo o fim, se o tempo não foi meu?
Se a retirada foi ordem de quem nunca me entendeu?
O algoz dobra o mapa, satisfeito com o estrago,
E eu fico com o deserto, com o gosto amargo do afago.
Não saíram vencidos pela força da minha mão,
Saíram porque sugaram até a alma do chão.

A bandeira ainda é minha, fincada no que restou,
Mas a joia foi levada e a fertilidade acabou.
Invadiram e extraíram a fortuna que o bem criou...
O que é o "êxito" agora, se o tesouro se extraviou?
Sou a dona do terreno, do entulho e da solidão,
Herdeira de um império reduzido a um borrão.

Não me falem de glória por me deixarem os restos,
Pelos espólios roubados em movimentos funestos.
Os livros dirão "vencemos", com letras de ouro e luz,
Mas só quem pisou na brasa sabe o peso dessa cruz.
É minha a terra, é verdade, por direito e por amor,
Mas não chamem de vitória o que tem gosto de dor.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

ASSOMBRAÇÃO

Por Bruna Salles

Bruna Salles é advogada e escreve poesia porque nem tudo cabe nos autos. Acredita que a palavra ajuda a atravessar o que não tem manual de instruções, por isso prefere poemas a respostas prontas e perguntas a finais felizes. Quando pode, publica. Quando não pode, escreve assim mesmo.



Um dia, ao abrir a janela sem pensar,
O sol vai te tocar com minha temperatura.
Você vai estranhar o calor: não é o ar,
É a parte minha que ficou na sua estrutura.

Mais tarde, andando entre vitrines,
Vai notar um reflexo que não te obedece.
Vira o rosto, mas ele insiste e persiste,
Pairando no vidro, onde o seu gesto esmaece.

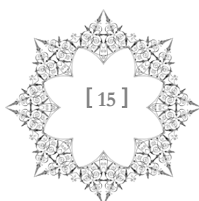
Haverá noites em que a cidade inteira
Vai falar um idioma que você não decifra.
E cada palavra perdida na sua teia
Vai soar como eco da dor que ainda te infiltra.

Em algum futuro distraído,
Quando tentar alinhar o peito ao mundo,
Os ponteiros vão errar o compasso contido,
Como se meu velho pulso te marcasse no fundo.

E quando enfim acreditar
Que tudo evaporou sem deixar dano,
Uma memória acesa vai te atravessar,
Rápida como um raio escolhendo o plano.

Não haverá ameaça declarada.
Só essa presença fina, persistente, teimosa,
Nascida no intervalo de estrada em estrada
Que vive na falha onde sua respiração repousa.

Você vai seguir, é verdade.
Mas há caminhos que guardam o que persegue.
E o meu — costurado na sua saudade —
Vai seguir ao lado, invisível, onde o destino segue.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

RELICÁRIO

Por Bruna Salles

Bruna Salles é advogada e escreve poesia porque nem tudo cabe nos autos. Acredita que a palavra ajuda a atravessar o que não tem manual de instruções, por isso prefere poemas a respostas prontas e perguntas a finais felizes. Quando pode, publica. Quando não pode, escreve assim mesmo.



Fiz da memória a minha força,
Meu cofre, meu aço, minha couraça.
Guardei tudo: o golpe, a hora,
A palavra que não passa.

Dentro de mim
Há armários infinitos,
Gavetas limpas demais
Para o que sangra aos gritos.
As lembranças se ajeitam
Em milímetros, frestas, desvios,
Ocupam buracos que eu mesma criei
Para rotular os vazios.

E eu chamei isso de poder,
De rigor, de grandeza.
Confundi permanência
Com absoluta certeza.

Mas lembrar de tudo
É condenação.
Não há noite sem visita,
Nem sonho sem repetição.
Enquanto o mundo gira
Num riso do carrasco distraído,
Eu permaneço presa
Ao segundo do ocorrido.

Onde descanso?
Na vingança que me prometi?
Na revanche ensaiada
Que nunca cumpri?

Ou na retaliação eterna,
Teatro do amanhã,
Que só devora o agora
E não me devolve sã?

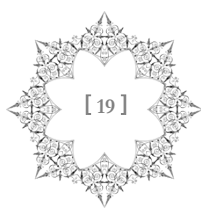
Agora vejo que empilho dores
Como quem ergue um altar,
E que enquanto organizo o choque,
A vida aprende a escapar.

Corri com os lobos.
Aceitei seus dentes,
Seu pacto faminto,
Sua fúria insistente.
Acreditei que o osso exposto,
O rubi do sangue à mostra,
Me fariam titã,
Me fariam rocha.

Mas me olhei no espelho
E lá vi o retrato de Dorian Gray.
Ali entendi, sem susto:
O monstro virei eu
– e esse é o meu custo.

Então renuncio aos números,
À contabilidade da aflição,
Ao anuário das derrotas,
Ao calendário da decepção.
Me recuso a gravar décadas nos ossos,
Somar anos às cicatrizes,
Dar corpo, nome e fôlego
Ao que já vive de matizes.

Eu não os quero mais.
Não por terem sido pouco,
Mas porque carregar para sempre
Não torna ninguém mais forte —
Só o faz mais oco.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

ASSIMETRIA DO DANO

Por Bruna Salles

Bruna Salles é advogada e escreve poesia porque nem tudo cabe nos autos. Acredita que a palavra ajuda a atravessar o que não tem manual de instruções, por isso prefere poemas a respostas prontas e perguntas a finais felizes. Quando pode, publica. Quando não pode, escreve assim mesmo.



Não é sobre amor.
É sobre assimetria do dano.

Enquanto eu recolhi os cacos
Com as mãos abertas,
Você atravessou ileso,
Como quem sai de um incêndio
Sem cheiro, sem restos,
Sem marcas na pele,
Sem rastro do que adoece.

Há pessoas que passam por ruínas
E não aprendem o peso dos escombros.
Não porque são inocentes,
Mas porque lhes falta a estrutura
Para sentir o que deixam nos ombros.

Nem toda dor é distribuída de forma justa.
Algumas se acumulam densas, robustas,
Em quem permaneceu tentando entender
O que nunca foi para ser entendido.

O meu silêncio
Retira você da minha história viva.
Não como punição pela sua rota torta,
Mas como limpeza que fecha a porta
E devolve a casa à própria mobília.

Eu não preciso que você saiba
Que foi ruína
Para que tenha sido.
A verdade não depende

Do que pesa no seu ouvido.

Não preciso da sua consciência,
Nem da sua culpa tardia,
Nem da sua compreensão vazia.

Eu já paguei o preço.
E agora escolho
Não pagar juros,
Não renovar a dívida,
Não assinar de novo
Seu contrato impuro.

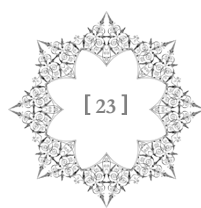
Eu não preciso de você
Para ditar a minha estrada.
Aprendi que a gente devolve
O nada com mais nada.
Você não é minha redenção
E agora tampouco é vilão.
É passado sem cor na alma,
História marcada sem função.

O que termina aqui
Não precisa ser compreendido
Para ser real.
Foi vivido, foi pago,
Foi encerrado,
Sem deixar rastros do final.

Não levo nomes comigo,
Rejeito os restos do abrigo
E suas pendências.

Sou outra, sigo inteira,
Sem você como medida
E sem hastear bandeira.

E isso basta.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

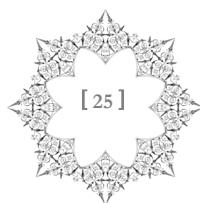
NA MORADA DO SOL

Por Luiz Otávio

Luiz Otávio D. Pinheiro, engenheiro com especialização em Business e em RH. Escreve textos de humor reflexivo. Tem publicado "Sexo, Mulheres e Ecologia" e "Positivamente" pela editora Litteris. Músico, pesquisador e palestrante sobre The Beatles, faixa preta de judô e ex remador. Tem curso de detetive particular e de salva-vidas e foi aprovado em ambos. E-mail mktstudio41@gmail.com



Sobre a Guanabara
A cidade anoitece
Uma estrela aparece
Ainda penso em você.
Vejo uma lancha perdida
E o Cristo Redentor,
Carros pela avenida,
Você não me ligou...
Eu me esqueço da vida
Já nem sei quem eu sou
Uma luz colorida
O telefone tocou...
Sobre a Guanabara
A cidade amanhece
O amor acontece
Namorada do sol
De repente um reflexo
Coincidência total
Como vocês se parecem
Quem é você afinal?



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O RENASCER!

Por Maurício da Serra

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Pará (2006). É pós-graduado pela Faculdade UniBF (2023). Graduou-se Mestre em Letras pela UNIFESSPA (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará) pelo Programa Profletras (Mestrado Profissional em Letras). Leciona há 19 anos na Educação Básica com experiência em turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Atualmente é servidor de carreira pela Seduc do Tocantins, lecionando no Ensino Médio na Escola Estadual Denise Gomide Amui, na cidade de Araguatins / TO.

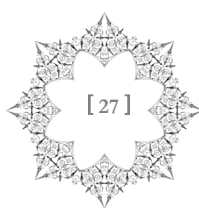


Um homem renasceu do perdão Divino de Deus
Não sabia o que fazer, nem queria mais viver...
No mundo consumado pelo ódio e a opressão
Ele tenta buscar uma trágica solução...

Oprimido pela fome e a miséria
O homem só busca um momento de Diversão,
Mergulhado numa sociedade que corrompe o coração...
Levado por um súbito desejo desvairado,
Não consegue concretizar o ato insano de ser exterminado!

Diante de seu suicídio interior, ele renasce da Esperança do mais Puro Amor...!!!
O Amor que vence a guerra e ambição
E ressuscita a justiça e a confraternização
Na melodia do verso de uma dolorosa canção,
O ser humano descobriu poder viver numa amorosa união...

O Renascido venceu o ódio e a violência,
Não aceita mais o pódio da intransigência.
Seu mundo de discórdia é pura misericórdia
O homem renasceu de seu Pecado:
Seu sofrimento foi enterrado!
A vida renasceu, a liberdade prevaleceu,
A compaixão se fortaleceu na perfeição
De uma jubilosa lágrima de Alegria!!!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

SONETO DE DESPEDIDA!

Por Maurício da Serra

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Pará (2006). É pós-graduado pela Faculdade UniBF (2023). Graduou-se Mestre em Letras pela UNIFESSPA (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará) pelo Programa Profletras (Mestrado Profissional em Letras). Leciona há 19 anos na Educação Básica com experiência em turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Atualmente é servidor de carreira pela Seduc do Tocantins, lecionando no Ensino Médio na Escola Estadual Denise Gomide Amui, na cidade de Araguatins / TO.



Você partiu, deixou um coração sangrando...

Abandonou seu caminho de certeza

Buscou um destino de tristeza

E seguiu sua vaidade, me torturando!

Você foi sumindo e apagando

As marcas indeléveis de um sonho...

Conhecido por mim e a você estranho

Eu fui me iludindo, você se intrigando!

Você que sempre finge sentir Dor

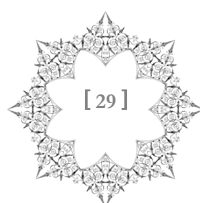
Mas nunca descobriu o que é Amor...

Seu encanto enganador não provoca rancor!

Sua despedida é um alívio merecido (Meu Deus!)

Vou desaguar a dor em novo Amor...!

Amei sozinho, e sou homem destemido (Adeus!)



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

S O L I D Ã O . . . ? !

Por Maurício da Serra

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Pará (2006). É pós-graduado pela Faculdade UniBF (2023). Graduou-se Mestre em Letras pela UNIFESSPA (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará) pelo Programa Profletras (Mestrado Profissional em Letras). Leciona há 19 anos na Educação Básica com experiência em turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Atualmente é servidor de carreira pela Seduc do Tocantins, lecionando no Ensino Médio na Escola Estadual Denise Gomide Amui, na cidade de Araguatins / TO.



Oh! Solidão que acalanta minha alma
e desafia toda e qualquer calma!

No silêncio da madrugada
minha mente vaga sem direção,
a procura incessante
para a Cura da solidão!

Num súbito pensamento desvairado
Imagino estar perto da Solução
que apazigue meu coração.

Nessa guerra interior com o meu próprio Ego,
Tento desistir, mas não me entrego.
Quando tudo já não faz sentido,
a Esperança é meu melhor abrigo...

Sei que o meu destino está traçado
e no caminho que vou trilhar
encontrarei a estrela guia
que fará brilhar a minha Vida.

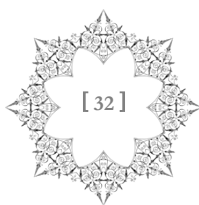
A incerteza aflige toda a minha vontade
de não mais sofrer!
Delírios intermináveis,
buscando acreditar que a luta não é perdida
e o Motivo da minha vida vou encontrar!

Uma luz no fim do túnel brilha
E existe uma saída...
Você se oculta em todos os meus Sonhos...
Você é oposto da minha insanidade,
é a mais completa serenidade!

Só Você me deixa sóbrio
Quando estou inebriado
De emoções negativas
E perdido nas armadilhas da Vida.

Oh! Solidão desvairada
Que quase roubou minha Alma...
Já culpei até a Deus
mas a persistência é minha sina!

Na hora certa vou traçar
o caminho prometido e encontrar Você:
meu real e único destino!
Oh! Solidão, se afaste
não fique mais comigo!!!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

DEVANEIOS... ESPERANÇAS UTÓPICAS!

Por Maurício da Serra

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Pará (2006). É pós-graduado pela Faculdade UniBF (2023). Graduou-se Mestre em Letras pela UNIFESSPA (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará) pelo Programa Profletras (Mestrado Profissional em Letras). Leciona há 19 anos na Educação Básica com experiência em turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Atualmente é servidor de carreira pela Seduc do Tocantins, lecionando no Ensino Médio na Escola Estadual Denise Gomide Amui, na cidade de Araguatins / TO.



Para onde vai esse mundo?
Para onde se anda é violência
Para todo lado,
a Paz não encontra o seu legado...

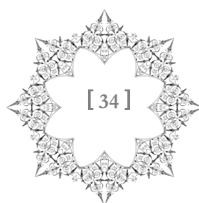
Prevalecem a guerra e a opressão
e a ganância e o egoísmo humano
corrompem o coração!

Miséria, fome, desastres naturais...
Nada comove a ambição do homem
que só busca o poder e nada mais!

Devaneios...!
Um súbito desejo desvairado
De encontrar compaixão e justiça
nesse mundo tão desajustado!

A Esperança renasce no sorriso
de uma criança perdida...
Devaneios de famílias inteiras,
Brigando pelo sagrado direito à Vida!

No rosto infantil uma lágrima
Pura de misericórdia,
a esperança utópica de alcançar
o Amor Supremo,
e a Humanidade viver
sem nenhuma discórdia!
Devaneios... Esperanças Utópicas!!!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

EGO FERIDO!!!

Por Maurício da Serra

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Pará (2006). É pós-graduado pela Faculdade UniBF (2023). Graduou-se Mestre em Letras pela UNIFESSPA (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará) pelo Programa Profletras (Mestrado Profissional em Letras). Leciona há 19 anos na Educação Básica com experiência em turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Atualmente é servidor de carreira pela Seduc do Tocantins, lecionando no Ensino Médio na Escola Estadual Denise Gomide Amui, na cidade de Araguatins / TO.



Meu Ego está ferido
Por um estranho sentimento
Que não é compreendido...
O que sinto dói no interior da minha Alma.
Essa angústia chega a tirar minha Calma!

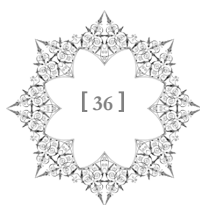
Parece ser uma saudade solitária
Que invade o fundo do meu Ser!
No ápice de meu desejo o seu carinho
que vou ter, é meu único aconchego...

Quanto mais espero Você para diminuir
A minha Dor, mais me vejo sozinho
Consumado pela ausência do seu Amor!

Sem poder controlar o meu Espírito
Ebrimidente do seu Libido
Eu fico com o ar preso num Suspiro!

Tomado por uma adrenalina desmedida
Não consigo uma resposta à sua despedida...
Você ficou distante e feriu o Brio
Que tenho pela Vida...
Deixando a Esperança de eu renovar
a minha Alma de alegria!

E, assim, rejuvenescer da lembrança
Do seu beijo de Menina!
Aí, então, vai acabar o pranto
Que brota do fundo do meu Ego:
na minha Vida!!!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

VELEIRO

Por Pedro H. Bampi

Nascido em 21/05/2006 no sudoeste paranaense, Pedro H. Bampi é escritor e poeta, autor de “Ruas & Rosas: pelas ruas que te asfaltam até as rosas que te perfumam”, publicado em março de 2025 pela Editora Dialética no gênero de poesia. Reside em Chapecó-SC, após viver quase 19 anos em Clevelândia-PR. É Técnico em Alimentos pelo Instituto Federal do Paraná (IFPR) Campus Palmas, onde cursou o ensino médio integrado. Faz graduação de Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus Chapecó-SC e segue sua caminhada como escritor dentro do movimento hip-hop.

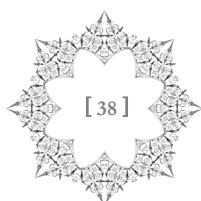


Guardando finais de tarde
para esquecê-los a noite
e lembrá-los de manhã.

Voltando pela memória,
não só pelo gosto
e muito menos pela maçã.

Você nunca foi meu porto,
afinal, é todo um mar
para se perder.

Você nunca foi o que sonhei,
afinal, só aprendi o que sonhar
depois de te conhecer.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

ENSEADA URBANA

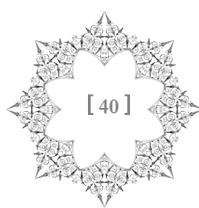
Por Pedro H. Bampi

Nascido em 21/05/2006 no sudoeste paranaense, Pedro H. Bampi é escritor e poeta, autor de “Ruas & Rosas: pelas ruas que te asfaltam até as rosas que te perfumam”, publicado em março de 2025 pela Editora Dialética no gênero de poesia. Reside em Chapecó-SC, após viver quase 19 anos em Clevelândia-PR. É Técnico em Alimentos pelo Instituto Federal do Paraná (IFPR) Campus Palmas, onde cursou o ensino médio integrado. Faz graduação de Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus Chapecó-SC e segue sua caminhada como escritor dentro do movimento hip-hop.



Os arranha-céus
machucam as nuvens lá em cima
(parecem até desmanchar daqui).
Os poucos pássaros
cantam como as rimas
como se gostassem de ficar aqui.
Os postes ficam
mais altos que a ambição.
Os tênis e os saltos
não querem sair do chão.
A pixação serve pra romper
com a timidez.
Muitas vezes parece ser
um resquício de sensatez.
Um vaso de flor
não quer aparecer, não afaga.
Mas serve para
esconder outra baga.
O concreto esburacado
guarda a chuva que vira manto
— a viatura não é conforto, é alerta.
Brasileiro só é gentílico
pois o gesso faz o santo
— pessoas são a compra, a oferta.
A escada como descanso
e não como despenhadeiro
(talvez a calçada vire palco de dança).
Mesmo com toda essa frieza,
o poste ilumina o nevoeiro,
aí vemos que ainda resta esperança.

Escute a cidade respirando.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

CINCO MINUTOS

Por Pedro H. Bampi

Nascido em 21/05/2006 no sudoeste paranaense, Pedro H. Bampi é escritor e poeta, autor de “Ruas & Rosas: pelas ruas que te asfaltam até as rosas que te perfumam”, publicado em março de 2025 pela Editora Dialética no gênero de poesia. Reside em Chapecó-SC, após viver quase 19 anos em Clevelândia-PR. É Técnico em Alimentos pelo Instituto Federal do Paraná (IFPR) Campus Palmas, onde cursou o ensino médio integrado. Faz graduação de Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus Chapecó-SC e segue sua caminhada como escritor dentro do movimento hip-hop.

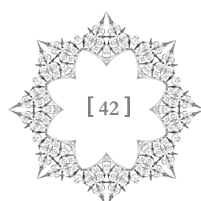


Quando me viu,
ilhei-me completamente.
Eu que cheguei pensando em nada,
pensei em tudo de repente.

Cumprimentou-me com um sorriso tão lindo,
mal encarei-o e vaguei-me no olho seu.
Só consegui imaginar como seria,
o que faria se ele fosse meu.

E, como bêbado em boêmia,
me encontrei nas linhas
de um norte que se perdeu.

Mas, cartomante querida,
me alivia saber que a vida
te atrai mais que eu.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

TEMPORADA DE FLORES

Por Revanil Dias da Rosa

O autor é músico e pesquisador independente. Estudioso do pensamento espiritual universal, com foco no despertar da Consciência de Krishna. É autor de A fé simples, a mística breslovita e os Bnei Noach, e À sombra das glicínias. Além de suas pesquisas é também sonhador apaixonado, que guarda em sua memória os mais intensos momentos de amor vividos.



É inverno! Eu sei, e os meus ossos o sabem muito bem, mas no meu coração é uma temporada de flores e na minha alma um verão tropical.

Tudo isso é você quem trouxe segurando com as duas mãos e deixando cair na minha vida um monte de alegrias como, pelas calçadas, pétalas de flores.

Que bom ter você!

O frio assola a cidade e nos engana com os dias lindos, com um céu mais azul, com o verde mais verde e as tardes mais douradas.

O frio é um enganador: seduz-nos com o belo e nos congela a alma, mas os teus olhos me devolvem a luz que me falta no inverno e as tuas mãos socorrem as minhas que ficam tão frias e que só saem dos bolsos para tocarem seus cabelos, Que ao pôr do sol, ficam ainda mais dourados.

Dias desses fui ao parque e fiquei encantado com o gostoso ruído do rio e com o canto dos pássaros e naquele ambiente tão natural, percebi que quando caminhamos juntos pela cidade, por entre as pessoas e carros tão apressados e barulhentos, é como se eu estivesse nos bosques mais frescos e calmos.

Tudo isso é você quem trouxe segurando nos braços e deixando cair na minha vida um mar de doçura como caem maçãs do colo de quem as colhe.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

AS MUITAS CORES DA LUZ DO SOL

Por Romãzinha Maria

Romãzinha Maria, cidadã portuguesa, desde cedo revelou gosto pela leitura e pela escrita. Escreve sobre o que a rodeia e sobre sentimentos, num mundo cada vez mais desatento ao que realmente importa.



Na nostalgia
do sol que se esconde
vive a certeza
de um novo amanhecer
cheio de promessas!

Cores quentes e sensuais
iluminam o final da tarde
aquecem a alma
e dão asas à ilusão e aos sonhos!

Cores frescas e vivas
cheias de luz e energia
enchem o dia que nasce
como janela aberta
a infinitas possibilidades!

O dia passa a correr
a noite cai devagar
e a penumbra ao longe
traz-me à memória
momentos vividos
sensações vibrantes e estonteantes
doces notas musicais de um prazer
que só o coração conhece.

Apenas a luz branca e permanente
do farol junto à falésia
me mantém ligada à Terra.
Aquieta o meu ser e o meu existir
Nela me envolvo
por ela me deixo proteger
dos perigos da escuridão.

No cair da noite
outras vidas regressam.
Gaivotas livres em voos alucinantes
riscam os céus numa alegre dança
e sem saber vão desenhando
as linhas da minha vida
no horizonte da esperança.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

VERGONHA

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

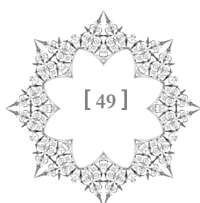


Quando a doce reação dos animais,
que mesmo maltratados
relegados abandonados, se vê...
a não deixarem de transmitir amor
à mão que se lhes estende...
lágrimas escorrem pela face...
por vergonha.

O saber do sofrimento
e desaparecimento das criaturas...
da mesma mãe Natureza, filhas...
da crueldade ou ignorância humana,
consequentes...
que assombrosa vergonha!

Frente à dolorosa realidade,
que aos mais fracos, impomos
e à inconsideração de, na nossa presunção
de superiores ilibados...
acharmo-nos justos...
pesada vergonha.

Por capaz não ser...
e o curso do monstro
que nos habita... não poder mudar...
- monstro que, sem quaisquer direitos,
toda esperança, desmancha –
que aflitiva vergonha!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

NÃO SOMOS AUTOSSUFICIENTES

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

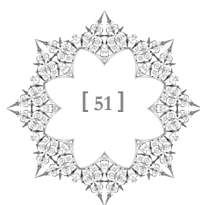


Há poucos dias, ao escrever,
"dilacerei" o meu peito
ao lançar-me para o mundo dos pássaros...
E agora, a reacender esta ferida,
uma mensagem sobre pássaros, recebo...

O "mundo" dessas pequenas aves,
sei bem que não é só delas... é de todos.
Mas, como todos os animais selvagens,
elas estão sendo para lugar nenhum, empurradas.
Deste mundo, alguém ou algo, não se expulsa.
Não possui reservados lugares nem se estende
a outros mundos, a biosfera terrestre.

Ao "expulsarmos" dos seus meios naturais, os outros,
a condená-los à extinção, estaremos.
Não há escape... e é importante lembrar:
A serem consumidos pela advinda esterilidade...
seremos nós, os próximos.

Neste mundo de coletivos,
não haverá autossuficiência para indivíduos.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

S U B L E V A D O

Por Thaís Dias Freire Scalco

Thaís Dias nasceu em 18 de novembro de 2004. Aos 14 anos, começou a escrever poesia. Aos 21 anos, cursa Direito no IBMEC-BH. Para a autora, escrever poemas e histórias é um modo de se expressar e de compartilhar com o mundo narrativas que conduzem o leitor para dentro da experiência literária, permitindo-lhe vivenciar universos de fantasia para além da realidade cotidiana.



O elfo estava diante da imperfeição,
em um império cercado de trevas.
Governado pela besta insensível,
corrompida por seu poder enfraquecido.

Encontrara terras distantes,
cobertas de gelo cristalino.
Fugira para um local desconhecido,
triunfando em seu novo caminho.

Com o poder da criocinese,
fora capaz de dominar.
Vira seu destino traçado,
para aquele reino recuperar.

Retornara ao império de Alfheim,
mas fora cercado por seres dotados.
Capturado para o subterrâneo,
pela besta que lhe oferecera um legado.

Com o auxílio de um aliado indisciplinado,
escapara para a superfície.
Precisara de ajuda urgente
para salvar o reino vigente.

Buscara refúgio no portal para Niflheim,
hesitara ao encontrar-se com seu aliado.
Rivais de nascença, senhores da luz e da escuridão,
entreolharam-se com desconfiança.

Procedente da superfície,
o elfo possuía uma transparência ofuscante.
Diferente da reputação de seu aliado,
que fora brutalmente adotado pelo espectro do mal.

Recebido com discrepância,
o elfo reconheceria-o como herdeiro.
Tomado pelo ódio diante dessas palavras,
fora confrontado em um desfiladeiro.

Com uma perspectiva sincera,
o herdeiro fora convencido pelo elfo
a lutar contra a tirania
e ceifar o domínio da Rainha.

Refugiados na essência de Nidavellir,
com o objetivo de forjar armas brilhantes.
Na terra dotada de sabedoria,
mas sem a veracidade de seus habitantes.

Unidos por algo grandioso,
foram amparados pelo apoio emocional.
Preestabelecendo normas,
para focar no objetivo principal.

Oscilando em distrações,
o elfo fora tomado pela afeição.
Pelo encanto do herdeiro,
que desviara sua atenção.

Em meio à batalha, o elfo fora capturado
por anões de Nidavellir e seus aliados.
Preso por correntes no eixo do subsolo,
a morte fora sua sentença.

À beira do precipício,
fora salvo pelo herdeiro.
O companheiro a quem jurou seu amor,
no meio de um desfiladeiro.

Juntos retornaram para Alfheim,
certos de deter a Rainha.
Planejaram tudo dias antes,
sabiam que o plano não falharia.

Nas ruínas do império,
a Rainha fora cercada.
Detida pelo olhar de seu filho,
o herdeiro que se rebelara.

Seu último pedido fora a clemência
do povo que acatara sua sentença.
Condenada à execução pelo filho rebelde,
fora exilada por seu companheiro.

Perante a sentença de morte,
a soberana escapara.
Perseguira o rastro do elfo,
aquele por quem seu filho se apaixonara.

Com as garras contra o pescoço,
tirara a vida do elfo luminoso.
Um herói que sacrificara a própria ambição
para selar a origem da destruição.

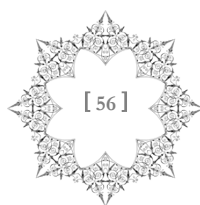
Nas profundezas de Alfheim,
o império fora despertado.
Com o grito do herdeiro,
que ceifara aquele reinado.

Transformado pela sede de vingança,
aceitara governar em troca de privilégios.
Demonstrando-se adverso a todos os súditos,
permanecera na liderança.

Após a morte de seu companheiro,
o herdeiro tentara reerguer o império.
Honrando o legado do elfo luminoso,
em meio ao caos incerto.

Passaram-se dias, meses, anos,
fora consumido pela angústia.
Perdera a humanidade que lhe restara,
tornando-se um impiedoso tirano.

Durante noites fúnebres,
vagara pelo desfiladeiro,
idealizando o elfo luminoso
em meio ao implacável nevoeiro.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

FIQUE POR DENTRO DO MUNDO DOS LIVROS!



**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI